

Psicoprofilaxia no Processo do Desenvolvimento: Uma Ação Integrada.*

*Esmeralda Aparecida Colombo Medeiros (UEL),
Zeila Cristina Facci (bolsista CNPq)
Rosane Cristina de Menezes (bolsista CNPq)
Laurene Agnes Meyer (bolsista CNPq)*

Resumo

Medeiros, E.A.C.; Facci, Z.C.; Menezes, R.C. e Meyer, L.A. Psicoprofilaxia no processo do desenvolvimento: uma ação integrada. **Estudos de Psicologia**, 9(1): - 66-88, 1992.

Este artigo tem por objetivo apresentar o trabalho que vem sendo desenvolvido com fins psicoprofiláticos no que se refere à questão do envelhecimento. Trabalhando com seis grupos, já é possível delinear um perfil sobre como a velhice é vista e compreendida por pessoas de 8 a 75 anos, além de se iniciar um processo de reflexão e mudança em relação às concepções e atitudes frente ao envelhecimento.

Palavras-Chave: Processo de envelhecimento, conceito, atitudes.

Introdução

Dimensão da Velhice como Etapa de Vida.

"Não há truques nem mágicas. Quem envelhece ativo, envelhece mais tarde". (Henriqueta Briebe)

Existe uma preocupação constante com o processo de envelhecimento em todo o mundo.

O desenvolvimento científico-tecnológico afetou sobremaneira a longevidade humana, principalmente, neste século, onde os países desenvolvidos investem cada vez mais em suas descobertas de modo a suprimir causas que provocam morte prematura, com novas descobertas a respeito da cura de diversas doenças.

Berquó e Leite (1988) afirmam que, se, por um lado, a longevidade dos indivíduos é resultado do sucesso de inúmeras conquistas no campo social e da saúde, o envelhecimento representa novas demandas e atenções que se constituem em desafios para os governantes do presente e do futuro.

*Projeto financiado pelo CNPq, Processos nº 801665-87/6 e 821183/88-5;
Convênio CNPq/UEL/UEM; Convênio UEL/CPG nº 220460/89

O Brasil, considerado um país de jovens, vem assistindo ao aumento gradativo da população em idade avançada. Há uma projeção de que no ano 2000, 8% da população esteja na faixa etária acima de 60 anos. Hoje já está em 6,3%.

A preocupação com o prolongamento da vida e com a diminuição do índice de natalidade é saudável e relevante, mas paralelamente está havendo preocupação e/ou política com a população idosa?

Sabemos serem muitas as variáveis que interferem na condição do idoso. Perguntamo-nos: como se dá a dimensão desta etapa de vida?

A velhice pode ser definida como um conjunto de modificações, que se observam no ser humano, a nível morfológico, fisiológico, bioquímico e psicológico (Silveira e Bento, 1982). Essas modificações levam o indivíduo a verificar com mais acuidade as perdas e ganhos, sendo que sua atenção está mais voltada às perdas.

As modificações biológicas, aparecem pouco perceptíveis a princípio, mas se aceleram mais rápido do que muitas vezes se consegue acompanhar. Neste ponto Vilas Boas de Oliveira (1987) é enfático quando demonstra que o envelhecimento biológico se inicia desde a idade jovem e é progressivo. Considera haver um período essencialmente evolutivo, mas cedo as conexões biológicas iniciam falhas em suas cadeias. Não existe, é claro, uma seqüência pré-determinada. Rozestraten (1988) assinala haver uma grande diferença entre a seqüência de etapas na infância e na velhice. Enquanto a infância obedece a uma série de etapas geneticamente definidas que se seguem sistematicamente, na velhice não se constata isso. Diz ele que temos um conceito bastante claro e definido sobre o que um menino de sete anos sabe fazer; mas o mesmo não podemos dizer de um homem de 70 anos, ele pode ser presidente, um grande maestro ou um esclerosado sem memória.

Medeiros (1983) escreve: "O velho é considerado aquele que não pode mais produzir. A legislação vigente aponta os 65 anos como a idade da aposentadoria. Mesmo que o indivíduo queira continuar trabalhando, aos 70 anos existe a compulsória, que, em outras palavras o expulsa definitivamente do mercado de trabalho comum. O idoso é considerado um deficiente mental, um incapaz. Todo esse processo de marginalização não tem como marca característica uma determinada idade. Ideologicamente esse procedimento está desencadeado na sociedade e o indivíduo, psicologicamente, vai preparando-se a cada dia para, quando velho, ser visto e/ou sentir-se dessa forma. Imbuído dessa maneira de ser e pensar, o idoso desencadeia uma série de sintomas "característicos" da velhice. Bastos (1981) cita-os: intensificação dos traços de personalidade, fixação no passado, irritabilidade, rigidez, dogmatismo, desconfiança, aversão ao novo, autoritarismo, depressão, isolamento, diminuição da atividade sexual e ausência da busca de satisfações sociais. A acentuação dos traços de personalidade se refere, por exemplo, ao fato de o adulto prudente tornar-se covarde; o econômico, avaro; o exigente,

ranzinza e resmungão, etc. A exacerbação desses comportamentos se deve a uma reação de defesa contra o sentimento de perda da flexibilidade, da agilidade e da eficiência. Sob outro ângulo poderá ser visto também como resultado de uma necessidade de auto-afirmação e de individualização, que funcionaria como uma formação reativa ao desejo de estabelecer relações simbióticas com os pais da infância.

O isolamento é uma forma anestesiada de viver, pois a vivência do tempo é angustiante e qualquer projeto esbarra num limite inexorável: a morte. Assim surge a lembrança incessante do passado como defesa contra a angústia. Isso nada mais é do que a não aceitação da própria impotência atual, como forma de resgatar a potência obtida no passado. A impotência por sua vez leva à irritabilidade, rigidez, desconfiança. A ausência de atividades, resultante da aposentadoria, leva à depressão que, por sua vez, traz os comportamentos intensificados, característicos, às vezes, da própria personalidade do idoso, num período anterior dessa etapa de vida. A associação desses comportamentos exacerbados, cada vez mais acentuam o isolamento anteriormente mencionado.

Toda essa fenomenologia é calcada na ausência de um aparato psico-social, tanto do indivíduo como da sociedade, com o objetivo de trabalhar as perdas inerentes ao processo do envelhecimento. Se houvesse o preparo, o idoso elaboraria seus limites e poderia haver melhor aceitação da diminuição de trocas corpo/mundo que, apesar de limitadas, expressam o momento histórico no qual vive.

Silveira e Bento (1982) fazem uma síntese do que foi descrito quando afirmam: "é importante frisar que o envelhecimento normal não significa a ausência dos sintomas decorrentes da não aceitação dos limites, das perdas. A elaboração destas perdas, pressupõe o aparecimento prévio do desejo em sua plena onipotência. Portanto, o que se quer enfatizar como velhice normal é a atitude de flexibilidade, de oscilação constante entre a onipotência diante do desejo e a aceitação da impotência diante do inevitável, diante do limite. Pode-se entender essa dinâmica como um **processo de elaboração de pequenas mortes***. Tal processo não existe apenas na velhice, podendo mesmo caracterizar o desenvolvimento global do ser humano".

A ausência de preparação para a velhice, com a não elaboração das perdas, acarretará um aceleração da destruição da Imagem Corporal. A Imagem Corporal é o produto da vivência dual corpo/mundo e depende de como se realiza e é captada. Um indivíduo que começa a ver, no seu dia-a-dia, as marcas, ou melhor, os vincos deixados pelo tempo e não tem uma relação positiva corpo/mundo, começa a introjetar estes vincos como pedaços que lhe faltam e dessa maneira está registrando-os no campo psíquico. À medida que o indivíduo não se preparou, ou não lhe prepararam para absorver os vincos como trocas existentes entre o corpo e o mundo, essas marcas começam a corroer o que poderia existir

*Grifo dos autores

de unidade da Imagem Corporal. Essa corrosão vai gerar, infelizmente, uma grande quantidade de quadros psicopatológicos.

Neste ponto nos perguntamos: de quem é a culpa por tal processo ocorrer?

Lira (1978) parece vislumbrar um princípio de respostas quando escreve: "o envelhecimento não é uma variável única. Seria mais correto chamá-lo uma direção seguida por muitas variáveis. Devemos encará-lo como um prolongamento do desenvolvimento humano". A princípio pode parecer que nada foi respondido. Entretanto, insermos esta colocação num contexto onde não existe um processo educacional para a valorização do ser humano, não importando se novo ou velho.

Gaiarsa (1986) talvez complete a idéia quando escreve: "ser velho, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não sei o que pesa mais nos velhos, se a idéia que eles fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pela idéia tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles".

Além do referido acima, há a considerar o aspecto projetivo, ou seja, as pessoas rechaçam o velho por ele simbolizar o espelho de seu futuro.

Todo esse processo ocorre em função de haver carência educacional, entendida esta não tem seu aspecto formal, mas sim de toda formação que cada ser humano recebe durante o processo vital.

Segundo Salgado (1982), é um aspecto grave a falta de preparação da criança para se tornar um adulto; que só fica velho mais tarde. É verdade que as formas de encarar a velhice mudam bastante, mas é evidente a rejeição aos velhos, principalmente nos grandes centros. Se o meio social é hostil aos idosos, eles próprios são igualmente hostis ao seu envelhecimento. Eles rejeitam a velhice porque não se preparam para esse tempo de vida.

Por outro lado, Fernandes (1978) coloca que a sociedade não oferece novas oportunidades aos idosos e estes, por sua vez, não compreenderam ainda que devem evoluir, mantendo-se aptos e atualizados, acompanhando as grandes mudanças por que passa o mundo.

Novamente perguntamos: no estado em que nos encontramos, é possível este acompanhamento?

Pensamos que sim, desde que haja um processo de preparação, integrado com o objetivo de se encarar tal etapa da vida. Esclarecendo, citamos Vasconcelos de Queiróz (1982), quando afirma ser a mudança da imagem da velhice, fundamental para o estabelecimento de um espaço social para esta categoria etária. Este movimento de mudança parece-lhe ser eficiente e efetivo, se acontecer simultaneamente nos dois sentidos: idoso-sociedade.

Sob este prisma foi proposta esta pesquisa, tendo por objetivos:

1. mobilizar a comunidade para o que é a velhice e suas implicações;
2. levantar dados de vivência desta etapa de vida junto aos velhos, adultos, adultos jovens, adolescentes e crianças;
3. atuar junto a esses grupos etários, objetivando mudança de percepção do idoso em relação a si e dos demais em relação a ele;
4. levar os indivíduos, idosos ou não, à reflexão e percepção do que é velhice, e, conseqüentemente, ao dimensionamento do seu espaço social e psicológico na sua velhice.

Metodologia

Sujeitos:

1. Grupo Ia (8 a 11 anos): 6 sujeitos do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio-alto. Estudantes de uma escola particular de 1º e 2º graus na cidade de Londrina, na faixa etária de 8 a 9 anos.

2. Grupo Ib (8 a 11 anos): 8 sujeitos, sendo 6 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, de nível sócio-econômico predominantemente médio-baixo. Estudantes de uma escola pública estadual, na faixa etária de 8 a 10 anos.

3. Grupo II (12 a 17 anos): 5 sujeitos do sexo feminino, de nível sócio-econômico médio. Estudantes do 2º grau de uma escola estadual e particular, na faixa etária de 14 a 17 anos.

4. Grupo III (18 a 30 anos): 6 sujeitos, sendo 5 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, de nível sócio-econômico médio. Estudantes dos cursos de Psicologia e Serviço Social da UEL, na faixa etária de 18 a 23 anos.

5. Grupo IV (31 a 49 anos): 4 sujeitos, sendo 3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, de nível sócio-econômico médio-alto, profissionais atuantes em suas especialidades.

6. Grupo V (a partir de 50 anos): 6 sujeitos do sexo feminino de nível sócio-econômico médio-baixo, frequentadores do grupo de idosos do SESC. Aposentadas, na faixa etária de 53 a 75 anos, (apenas uma vive ainda com o parceiro conjugal).

As características dos 6 (seis) grupos têm se mantido uniformes, a saber: escolaridade, nível sócio-econômico e cultural, constituição familiar de pai, mãe e um ou mais irmãos pertencentes à sociedade da cidade de Londrina - Pr.

A priori pode parecer ao leitor que a constituição do grupo V é muito abrangente (acima dos 50 anos) em função das realidades serem distintas. Entretanto, em nossa experiência em trabalhos efetuados com

grupos no SESC de Londrina, esta diferenciação experiencial, por idades, tão distintas, não tem sido marcada com rigor que possa diferenciá-las.

Recursos Humanos:

Duas bolsistas de Iniciação Científica (I.C.), alunas do 4º e 5º anos do curso de graduação em Psicologia da UEL e uma bolsista de aperfeiçoamento (graduada em Psicologia), atuando junto à coordenação dos grupos descritos no item "A".

Recursos Materiais:

- Carta convite para recrutamento dos sujeitos.
- Ficha de Identificação.
- Técnica de Aplicação para D.F.H.
- Questionário para D.H.F.
- Inventário Sheppard.
- Escala Diferencial Semântica.
- Sulfites, lápis, borrachas, cartolinas, revistas, colas, tesouras, canetas, canetinhas, mesas, cadeiras, colchonetes, gravador, fitas de música, espelhos, slides, filmes, video-tape, giz, quadro-de-giz, apagador, roupas e acessórios para teatro.

Local de Realização:

O grupo Ia mantém seus encontros em uma sala de aula na escola em que os participantes estudam.

O grupo Ib encontra-se na escola em que seus membros estudam, mas sem espaço definido, sendo que as reuniões se realizam no pátio ou no refeitório da escola, em função de a instituição não dispor de espaço físico determinado.

Os encontros dos grupos II e III ocorrem em salas da UEL.

Os encontros do grupo IV acontecem em uma sala de aula de uma escola particular.

O grupo V reúne-se em sala cedida pelo SESC - Londrina.

Material e Coleta de Dados:

- Uma das técnicas que está sendo utilizada é a do Desenho da Figura Humana de Machover, que possibilitará obter dados que propiciem as comparações das configurações de Imagem Corporal nos diferentes grupos (Medeiros, 1988).

Esta técnica foi aplicada no contato inicial e foi reaplicada a intervalos de um ano, a todos os sujeitos.

- Outro material de coleta é o "Inventário de Atitudes em relação à Velhice" construído por Sheppard, em formato Likert, tendo por base uma noção multidimensional associada à de qualidade (positiva e negativa) das atitudes (Neri, 1988).

Juntamente com o inventário de Sheppard foi aplicado o instrumento "Itens da Escala Diferencial Semântica avaliando os conceitos "o velho é" e "Quando eu ficar velho eu serei", que enfatiza a função mediacional e a natureza associativa do significado (Neri, 1988).

Estes dois instrumentos também foram aplicados no contato inicial e reaplicados a intervalos de um ano, a todos os sujeitos.

- A terceira forma de coleta dos dados consistiu em promover discussões grupais, utilizando a técnica de "role-playing", abordando os seguintes aspectos, mas não necessariamente de forma hierárquica:

- aspectos bio-psíquico e sociais da velhice e suas implicações;
- aposentadoria;
- interesses e aspirações;
- espaço social do idoso;
- demais aspectos que surgirem nas discussões e que sejam relativos à velhice.

Os dados obtidos nas discussões grupais são mantidos em Registro de cada Encontro.

Plano de Análise dos Dados:

- Todo o material coletado pela técnica de Machover (Desenho da Figura Humana) foi analisado através de comparações quantitativas (tabelas, gráficos e quadros), inter e intra-grupos, aplicando-se tratamentos específicos, com o objetivo de levantar dados que detectem características específicas sobre a Imagem Corporal nos diferentes grupos.

- Com os resultados obtidos nos questionários "Sheppard" e "Diferencial Semântica" foram montados quadros, tabelas e gráficos que possibilitarão o cruzamento com o material do D.F.H. (constantes de relatórios enviados ao CNPq e por serem muitos, nos resultados apresentar-se-á apenas dos mesmos).

- Com os registros das discussões mantidas nos diferentes grupos foram construídas tabelas, gráficos e quadros que permitem a percepção compreensiva que cada grupo possui do "velho" e da "velhice", o que permite cruzar com os dois resultados anteriores.

- Todas as respostas a esses instrumentos foram classificadas em categorias comuns para possibilitar os cruzamentos.

- Para cada grupo etário foi montada uma listagem de características que descrevem a percepção de velho que possuem.

Resultados

Apresentar-se-ão os resultados por grupo no que se referir aos três instrumentos aplicados e quanto ao material produzido nas discussões grupais (temas discutidos), os quais aparecerão em uma descrição listada posteriormente.

Para a eleição das características do Desenho da Figura Humana, considerados comuns ou frequentes, utilizou-se o critério determinado por Lourenção Van Kolck (1966), propiciando assim diagnóstico de personalidade, diferenciado, nas diversas faixas etárias.

Para chegar a essa categorização, fez-se necessária a aquisição de critérios que garantissem uniformidade do trabalho e principalmente que fornecessem dados objetivos.

Lista-se a seguir os critérios para essa categorização, segundo Lourenção Van Kolck (1966).

- No caso de 2 alternativas ou itens: até 1% - muito raro; até 10% - raro; até 30% - pouco comum; e acima de 30% - comum

- No caso de 3 a 5 alternativas ou itens: até 1% muito raro; até 8% raro; até 25% - pouco comum; e acima de 25% - comum

- No caso de 6 a 9 alternativas ou itens: até - 0,6% - muito raro; até 6% - raro; até 15% - pouco comum; e acima de 15% - comum

- No caso de 10 ou mais alternativas ou itens: até 0,5% - muito raro; até 5% - raro; até 10% - pouco comum; e acima de 10% - comum.

A partir dessa categorização dos itens comuns em cada grupo, fez-se uma eleição para a análise qualitativa de até 15 itens mais relevantes, em relação aos objetivos da pesquisa. Para tal eleição, considerou-se os aspectos de maior peso em relação à imagem corporal e significância etária, bem como a frequência dos itens (presentes em acima de 60% dos desenhos).

Grupo Ia

Partindo-se do critério estipulado para eleição dos sinais comuns, 12 itens foram determinados como mais relevantes neste grupo, São eles:

01. localização da figura no 4º quadrante;
02. tamanho pequeno das figuras;
03. linha grossa e traço contínuo;
04. figuras mais jovens que o autor;
05. presença de paisagens e outras figuras;
06. indicadores de conflitos: correções;
07. figuras do próprio sexo em primeiro lugar;
08. tratamento diferencial das figuras-caso misto;

09. tronco: formato normal, quadrangular/trapezoidal, linhas angulosas;

10. ombros proporcionados;

11. braços curtos, em uma só linha, voltados para cima ou estendidos para o ambiente.

12. pernas: uma só linha, finas, longas e ocultas em trajés.

Nos instrumentos "Sheppard" e "Diferencial Semântica", foram obtidas respostas de tendência central e positivas, quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento.

Grupo Ib

Os itens considerados comuns, utilizando-se os critérios anteriormente descritos, são 10 a saber:

01. localização do desenho no centro e na metade esquerda da folha;

02. figura de perfil - frente;

03. ausência de linha de solo;

04. indicadores de conflitos: correções e retoques

05. figura do mesmo sexo desenhada em primeiro lugar;

06. cabeça grande;

07. ombros desproporcionados;

08. omissão das mãos;

09. pernas finas e ocultas em trajés;

10. braços voltados para trás ou estendidos para o ambiente.

Na análise de "Sheppard", pôde-se observar uma maior tendência a respostas positivas e centrais (demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos), mas também algumas respostas negativas, como: a juventude como máximo da satisfação, velhice como sendo improdutiva, sexualidade na velhice, dificuldade de pensar na própria morte, que a vida oferece pouco aos velhos e a redução da responsabilidade na velhice.

Para o "Diferencial Semântica", os sujeitos apresentaram respostas positivas no tocante à velhice e seus aspectos no desenvolvimento.

Grupo II

Para o desenho da Figura Humana, através dos critérios pré-determinados, levantou-se 10 itens como relevantes para o grupo. São eles:

01. desenho localizado no primeiro quadrante da folha;

02. desenho de tamanhos médio e pequenos;

03. figuras de perfil-frente;
04. pequena diferenciação entre as figuras masculina e feminina;
05. olhos grandes, médios e pequenos, fechados, com pupila, sem sobrancelhas e com sobrancelhas finas e bem cuidadas, com e sem pestanas, com sombreamento, reforço, correção, borradura ou retoque no contorno ou no interior dos mesmos;
06. cadeiras-nádegas proporcionadas, com presença na figura feminina, desenhada por mulheres;
07. ausência de indicação da região genital;
08. pés grandes e médios, com sapatos sem detalhes, com sombreamento ou borradura, figura na ponta dos pés, pés de perfil, com sombreamento, borradura, correção, reforço ou retoque no contorno ou no interior dos mesmos.
09. traje comum completo, com decote acentuado, presença de babados, com vinco na calça, com sombreamento na blusa, saia ou calça, da barra da calça ou calça, acentuação dos limites e margens da roupa, contorno duplo, roupa muito bem cuidada em figura de auto-conceito, presença de botões, de bolso e de botões como linha mediana;
10. abundância e presença moderada de pormenores e ausência de acessórios.

Na análise dos instrumentos "Diferencial Semântica", percebeu-se uma tendência grupal de equilíbrio na emissão das respostas, com alguns "picos de positivismo", tais como: carinhosas, cheias de dignidade e interessadas.

No "Sheppard", também pôde-se sentir a tendência à resposta central, aparecendo ainda "pico", referente à frase: "espero me sentir bem a meu respeito, independente da idade".

Grupo III

Para o Desenho da Figura Humana foram eleitos 11 itens como mais significativos para o grupo, aplicando-se o critério descrito anteriormente. São eles:

01. localização da figura desenhada: centro, metade superior da folha e esquerda;
02. desenhos muito grandes e grande;
03. presença de linha mediana;
04. linhas médias com traços tipo avanço-recuo;
05. indicadores de conflito: correções, retoques e sombreamento;
06. cabeça muito grande e média;

07. cabelos médios e compridos, abundantes e bem cuidados;
08. nariz grande ou médio;
09. tronco normal, com linhas angulosas ou omissão de tronco;
10. ombros grandes;
11. cintura pequena ou apertada.

Da análise do "Sheppard", obteve-se predominância de respostas que se referem a aspectos positivos da velhice, enquanto que no "Diferencial Semântica", houve equilíbrio entre respostas positivas e neutras.

Ainda no "Sheppard" apareceu, no grupo, a existência de "sentimentos de apreensão ao pensar na própria velhice", e o crédito de que "é melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nessa sociedade".

Grupo IV

Para este grupo, não serão apresentados resultados quanto aos instrumentos: Desenho da Figura Humana, Diferencial Semântica e Sheppard, em função do mesmo ter solicitado que houvesse interrupção no ano de 91. Pode-se dizer que, de modo geral, o grupo começou a demonstrar, a partir da metade do segundo semestre/90, certa desmotivação e desinteresse pelo mesmo. Faltas individuais ou coletivas passaram a ser frequentes, as quais não eram justificadas com antecedência, na maioria das vezes. Diante de tais observações, a coordenadora do grupo questionou seus elementos a respeito dos motivos que os estavam levando a faltarem tanto e mostrarem-se desmotivados, e eles se referiram ao baixo número de participantes, bem como a alguns eventos externos pessoais. Após estes esclarecimentos, os membros do grupo entraram num consenso de que este deveria ser encerrado e dado início a um novo grupo mais fortalecido em termos de participantes, no ano seguinte.

Grupo V

Neste grupo, 13 itens foram levantados como relevantes, e são delineados a seguir:

01. localização do desenho no 4º quadrante;
02. tamanho pequeno dos desenhos;
03. figuras mais jovens que o autor;
04. linha média ou grossa e traço contínuo;
05. ausência de linha de solo;
06. resistência para desenhar;
07. indicadores de conflito: correções, retoques, borraduras, reforço de linha, sombreamento;
08. cabeça muito grande ou grande;

09. rosto com acentuação de traços fisionômicos;
10. olhos grandes e sobrancelhas cuidadas;
11. ombros pequenos;
12. braços longos ou médios, finos ou proporcionados na espessura, voltados para cima ou um para cima e um para baixo, sombreamento;
13. pernas finas ou proporcionadas.

Tanto para o "Diferencial Semântica" como para o "Sheppard" as respostas foram positivas ou de tendência central.

No tocante ao material produzido nas discussões grupais/semanais, listar-se-ão os temas abordados pelos grupos, a saber:

Grupo Ia - sabedoria, morte, diferença entre o "velho da rua" e o "velho avô", namoro dos velhos, velho louco, asilo, solidão, aposentadoria, doença, o que é velhice, características de pessoas velhas.

Grupo Ib - aposentadoria, asilo, processo de envelhecimento, doenças, coisas que o velho faz, respeito pelos velhos, como é o velho, afetividade;

Grupo II - "mecanicismo" (ser robôs), "corpo-cartão de visitas", perdas, desenvolvimento humano, opinião sobre o velho em diferentes faixas etárias, morte, estereótipos, atividades na 3ª idade, publicidade e propaganda, desenhos animados, reaprendizagem, preocupação sócio-político-cultural, drogas, interiorização e atuação.

Grupo III - sexualidade, sexualidade na velhice, imagem corporal, o corpo velho, mudança de valores, velho jovem, própria velhice.

Grupo IV - depressão, dependência, sexualidade, morte.

Grupo V - relacionamento com netos, aposentadoria, velho, imagem corporal, saúde, velhice, independência, velhos aproveitadores, solidão, reminiscências, parceria, discriminação do idoso, asilo, depressão, morte.

Em resumo, os dados nos mostram que numa análise intragrupal, verifica-se que o grupo I traz para discussão suas imagens de velhos, construídas através de suas experiências familiares, o grupo II traz suas imagens de velhos, resultantes de relações e percepções sociais mais amplas. O grupo III mostra níveis de reflexão e elaboração bastante consistentes, mais próprio da etapa que vivencia. No grupo IV houve níveis elevados de intelectualização e projeção, completados por mecanismos defensivos que dificultam o desenvolvimento da tarefa de reflexão em relação à velhice. Por outro lado, o grupo V tem um funcionamento

particularizado, onde se estabelece um vínculo afetivo e suportivo, na medida que para eles, a vivência da velhice é real.

Discussão

Grupo Ia

Após a análise das respostas obtidas nos instrumentos "Shepard" e "Diferencial Semântica", pudemos observar grande tendência grupal a respostas positivas quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento. Aquelas não positivas, tendem a ser respostas centrais, demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos.

Várias hipóteses podem ser levantadas para explicar essas tendências positivas e centrais das respostas. A primeira delas, e talvez a mais importante, é a influência da aplicadora. Por mais que se tente manter uma postura de neutralidade, a aplicadora influencia os membros do grupo, até nas suas atitudes; e nesse grupo isso é muito relevante, devido a imagem representativa da aplicadora, por estar trabalhando com crianças.

Ainda na aplicação dos instrumentos citados acima, a aplicadora precisou esclarecer dúvidas a respeito do significado de algumas palavras que eram desconhecidas pelos membros do grupo, e para se fazer entender foram necessárias explicações detalhadas e não apenas respostas através de sinônimos. Através das discussões iniciais, pôde-se comprovar que o tipo de velho conhecido desse grupo, é um velho especial, representado pelos avós. Porém, o avanço, nesse processo, fez com que as crianças deixassem transparecer o grande medo que essa fase da vida lhes causa. Isso fica bastante claro, quando elas discutem a velhice relacionada com a doença, a degeneração, a depressão, a pluropatologia e a definem como "vida para a morte". Com o desenrolar dessas discussões, pôde-se observar a mudança na percepção do velho, ocorrida com aquelas crianças. Passaram de uma condição de falta de conhecimento e negação a respeito do tema, para um processo depressivo, pois tiveram contato com uma questão que até então não fora explorada por eles.

Esse processo depressivo é necessário para que a criança tome conhecimento da condição de vida do velho (não só "velho especial"), e possa se deparar com a realidade da morte, não sendo a velhice a única causa desta.

Ao analisarmos o desenho da figura humana desse grupo, pudemos constatar uma grande dificuldade de adaptação de seus indivíduos ao ambiente, sentindo-o como ameaçador, desejando retornar ao passado e/ou permanecer absorto na fantasia. Uma explicação a toda essa

inquietação dos lutos infantis (perda do corpo, dos pais, da posição de criança) pela qual se atravessa. Essa fase de elaboração de lutos poderá facilitar a elaboração da morte, havendo assim uma mudança de percepção da criança em relação a esta, levando-a a perceber que é um ser que irá se desenvolver, com perdas e ganhos.

Pôde-se concluir que foi perceptível o crescente envolvimento do grupo com a tarefa de reflexão e discussão sobre a velhice e o envelhecimento. Nos primeiros encontros, houve uma tendência do grupo em pensar na velhice como algo especial, enigmático e pouco conhecido. A partir de muitos questionamentos, percebeu-se que esse "velho especial" era também doente, louco. Assim, gradativamente foi aparecendo o velho desconhecido, o "velho da rua" que representa a fase de degeneração física e psicológica do desenvolvimento humano, fazendo com que as crianças tenham muito essa etapa da vida, que elas próprias definem como "vida para a morte". Essa mudança de percepção levou o grupo a momentos depressivos, que foram essenciais, pois, a partir do trabalho e manejo da coordenadora, tornou-se possível uma reflexão mais acurada sobre o assunto "velhice". De um modo geral, o grupo se caracterizou por uma intensa participação, com um nível de questionamento muito bom, e que pôde demonstrar o interesse dos sujeitos pelo assunto a que se propôs trabalhar, quer seja a velhice ou o envelhecimento.

O vínculo positivo formado entre os membros do grupo foi muito bom, assim como o vínculo estabelecido com a coordenadora, caracterizando-se por: permissividade, respeito, centralização na tarefa, o que puderam ser vetores determinantes de uma aprendizagem global e particularizada (nível pessoal) sobre o envelhecimento e a velhice. Mesmo que o movimento grupal em relação ao tema ocorra de maneira "lenta", pois obedeceu ao ritmo de cada elemento do grupo e, poderá denotar uma maior aproximação e vivência do assunto, sem que "violente" o espaço e o tempo vital de cada membro formador e participante do grupo de crianças.

Grupo Ib

Através das discussões, pôde-se perceber que o grupo, desde o início, demonstrou algum conhecimento a respeito dos temas relacionados à velhice, pois mostraram conhecer não somente o velho avô, próximo, acessível, carinhoso e saudável, como também o velho mais distante, que está nas ruas, na vizinhança, que frequentam os mesmos lugares. Esse contato com a realidade da velhice pode ser decorrente de a maioria dos membros pertencer a uma classe sócio-econômica média baixa, onde o relacionamento entre estas pessoas é mais frequente, bem como o reconhecimento do velho como uma pessoa produtiva, pois nesta classe social é preciso trabalhar para sobreviver.

Apesar da distância que as crianças se encontram com relação à velhice, notou-se preocupação, medo e recusa quando se trata de pensar no processo de envelhecimento. Através das discussões, ficou clara a dificuldade de separar o jovem do adulto e o adulto do velho, bem como a dificuldade de pensar no próprio desenvolvimento e tomada de consciência de que também ficarão velhos.

Ao analisarmos o desenho da figura humana, desse grupo, pôde-se constatar uma grande necessidade de contato social e a dificuldade de estabelecer esse contato que é percebida através de sentimentos de insegurança, insatisfação e introversão, bem como fantasias relacionadas a afetividade e ao passado, o que as torna centradas em si mesmas e auto-dirigidas. Essa dificuldade de estabelecer contato social pode estar ligada à classe econômica a que a maioria dos membros do grupo pertencem, por ser discriminada e marginalizada. Há também uma necessidade de controlar a expressão de impulsos agressivos e hostis, o que é dificultada por atitudes primitivas, aparecendo não só nos desenhos, como na relação grupal e interpessoal. Essa relação interpessoal tanto é criança-criança, como criança-coordenadora, o que foi possível perceber através das discussões surgidas nos grupos, diálogos e desenhos com traços e temas agressivos dirigidos à coordenadora.

Após análises das respostas obtidas no instrumento "Diferencial Semântica", pudemos observar grande tendência grupal a respostas positivas, quanto aos aspectos da velhice e do desenvolvimento.

No instrumento "Sheppard", pudemos observar uma maior tendência a respostas positivas e centrais (demonstrando neutralidade a respeito de tais aspectos), mas também algumas respostas negativas como: a juventude como máximo de satisfação; velhice como sendo improdutiva; sexualidade na velhice; dificuldade de pensar na própria morte; que a vida oferece pouco aos velhos e a redução de responsabilidade na velhice, resultado este mais similar aos relatos das crianças nas discussões em grupo.

Uma hipótese que pode ser levantada para explicar essas tendências positivas e centrais das respostas é, mais uma vez, a influência do aplicador. Por mais que se tente uma postura neutra, o aplicador influencia os membros do grupo, até nas suas atitudes, principalmente quando se trata de crianças.

Quanto às respostas negativas, estas podem ter um significado qualitativamente positivo, no sentido de que representam um afrouxamento das resistências e negações, transmitindo uma imagem mais próxima da realidade que as crianças possuem e representam.

Resumindo: os primeiros encontros tiveram como objetivo informar as crianças a respeito do trabalho a ser desenvolvido e a integração dos grupos, dado que as crianças vinham de salas de aula diferentes, além de serem um grupo heterogêneo quanto a classe sócio-econômica e cultural. Apresentava-se bastante solto e disperso, e alguns dos mem-

bro, por várias vezes, mostraram-se sem limites e desinteressados pelas discussões, parecendo não saber bem o motivo que os mantinha ali. Nos primeiros encontros a coordenadora, por várias vezes, repetiu o objetivo do trabalho, assim como as normas grupais: contrato, justificativa de faltas, etc. Neste período houve desligamento de muitas crianças. É importante ressaltar que os encontros ocorriam em horário de funcionamento da escola, durante a aula de fixação, motivo pelo qual algumas crianças se interessaram em participar do grupo.

A dinâmica grupal presente nos encontros iniciais, liga-se à estrutura da escola que se caracteriza por certo grau de desorganização, tanto a nível de sala de aula como a nível administrativo. Outro fator relacionado a esse funcionamento grupal é a pouca experiência das crianças em trabalho de equipe e também o fato de não terem um espaço definido para a realização dos encontros. As muitas interferências que ocorriam, durante as reuniões (interrupções causadas por outras crianças e funcionários da escola) colaboraram para a falta de concentração do grupo nas tarefas.

Através do trabalho com o grupo pôde-se perceber um crescimento deste em relação a: colaboração, organização, respeito, interesse, sentimento de pertencer e compreensão a respeito dos temas propostos. As crianças passaram a participar mais ativamente das discussões, dando exemplos e estabelecendo relações com experiências pessoais, além de darem sugestões a respeito do funcionamento do grupo.

Grupo II

Durante as discussões surgidas nos encontros do grupo, pôde-se observar o deslocamento do eixo de análise até então adotado, ou seja, passou-se por um período onde somente o "social" era abordado. A imagem do velho era reproduzida daquela existente nos meios sociais e, se propunha "idéias mágicas" para alterar o quadro existente. Sendo assim, foi possível fazer com que o velho, até agora, apenas social, começasse a se aproximar de cada um, dentro dos limites e tempos individuais. Portanto, houve um movimento grupal no sentido de se abordar aspectos sociais e pontear para o pessoal, necessitando-se para isso de momentos de profunda reflexão. Durante esse tempo de reflexão, instalaram-se no grupo, momentos depressivos, acentuados por um trabalho corporal no qual deparava-se exatamente com as limitações, passagens que o próprio corpo já apresentava, embora etariamente novo. Nesse momento, houve preocupação grande por parte da coordenadora, em decorrência do trabalho corporal proposto e, pelo estado depressivo do grupo em função do período de adolescência no qual se encontram, onde a perda e luto pelo corpo infantil é muito grande e ainda em elaboração, podendo assim, acentuar a dificuldade em se perceber enquanto pessoa que já envelhece.

Por outro lado, com o suporte proporcionado pela coordenadora, houve uma elaboração dessa dificuldade em um aprofundamento no nível das discussões, culminando nas reuniões realizadas conjuntamente com o grupo III (adultos-jovens), onde pôde-se confrontar de maneira real as diferenças existentes e específicas de cada faixa etária, muito embora façam parte de um mesmo contínuo, denominado desenvolvimento humano.

Através da análise do desenrolar do trabalho e o caminhar do grupo, ficou nítido o crescimento do mesmo, amplificação do entendimento dos objetivos propostos pelo trabalho, pertinência muito grande, o que levou a promoção de um possível deslocamento do eixo de discussão abordado até o presente.

A partir do momento que se manteve fixo o número de participantes (5), e respeito ao enquadre estabelecido, percebeu-se que o grupo passou a apresentar uma coesão e vínculo grupal maior que no semestre anterior. Esse compromisso com o trabalho se deu e ocorre em todos os sentidos, quer seja com os demais participantes, coordenadora e objetivos propostos. Essa vinculação grupal funcionou para que o grupo se fortalecesse, ao mesmo tempo que passou a apresentar uma postura fechada, ou seja, não querendo dividir o trabalho com possíveis interessados em participar. Entretanto, com o próprio desenrolar, desenvolver e crescer grupal, criaram-se condições para trabalhar e assinalar essa questão, levando o grupo a assumir uma maleabilidade e mobilidade até então negadas.

Assim, com a entrada de um novo participante, o grupo teve e deu suporte para que o trabalho continuasse a caminhar em termos de "produção", discussão, etc., muito embora tenha desequilibrado o grupo nas relações já estabelecidas e mantidas até o momento, mas atualmente não se encontra nenhum problema nessa relação.

A partir daí, o grupo demonstrou um compromisso, vinculação e respeito muito grande pelo trabalho do qual participava.

Os participantes demonstraram um crescimento e desenvoltura muito capciosa quer seja, na esfera individual e grupal; o que tornou-se aclarado pela participação maciça, assídua e "animadora" dentro dos grupos de discussão.

O "volume" de assuntos a serem abordados cresceu, diferenciou e ampliou a cada encontro realizado, com propostas de atividades oriundas das próprias participantes.

Todos esses aspectos, além de outros mais, fizeram com que a coordenadora se sentisse muito estimulada em continuar trabalhando com esse grupo, que apresentou muitas condições para caminhar crescendo cada vez mais.

Grupo III

Através da análise dos resultados obtidos no instrumento "Sheppard", verificou-se a predominância de respostas que se referem a aspectos positivos da velhice, enquanto que no instrumento "Diferencial Semântica", houve equilíbrio entre respostas positivas e neutras.

Este perfil, predominantemente positivo da velhice, pode estar ligado a uma idealização da mesma, ou ainda a uma necessidade do grupo em transmitir uma imagem não preconceituosa sobre o tema. Pode-se dizer que essa necessidade se relaciona à fantasia dos participantes de que uma caracterização negativa do envelhecimento não seria bem vista pela coordenadora e seu grupo de pesquisa. O pouco vínculo entre o grupo e a coordenadora no momento da aplicação dos instrumentos (nos encontros iniciais) reforça a hipótese acima discutida.

A forte tendência a respostas positivas, no instrumento "Sheppard", associa-se ao caráter de idealização da própria velhice, à medida em que este instrumento tem um cunho projetivo. É interessante assinalar que este instrumento "Sheppard" revelou a existência, no grupo, de "sentimentos de apreensão na própria velhice", e o crédito que "é melhor morrer cedo do que enfrentar a velhice nessa sociedade". Estes dois aspectos sustentam toda a discussão do presente trabalho até aqui desenvolvida, demonstrando que existem no grupo medos e negativismo em relação à velhice e ao envelhecimento, sendo extremamente positivo o aparecimento dos mesmos, demarcando o afrouxamento das resistências em entrar em contato com seus reais sentimentos e pensamentos. Ao longo dos encontros semanais, o grupo pôde dividir suas angústias, através de discussões e atividades que trouxeram à tona medos, anseios, dúvidas e questionamentos referentes aos aspectos do envelhecimento. Um ponto interessante a ser ressaltado, que emergiu intensamente nas discussões, é a incomodação causada no grupo pela imagem do "velho jovem", aquele feliz, repleto de energia. O incômodo é fruto de uma sensação grupal de um momento presente mal vivido, uma juventude pouco vivenciada. Tal momento depressivo é qualitativamente muito importante, instaurando um repensar em suas vidas e modabilidade de relação. Esta situação é de alta significância para o trabalho, indo de encontro a seu caráter educativo e psicoprofilático.

É ainda possível tecer uma análise entre a síntese interpretativa proveniente dos desenhos e os temas desenvolvidos nos encontros semanais. Ficou bastante marcante nos desenhos, assim como nas discussões, a existência de conflitos relacionados à área corporal, envol-

vendo aí a questão de sexualidade. Neste sentido, o grupo procurou trabalhar com essas questões enfatizando suas histórias de vida até o momento presente, assim como fazendo projeções para a velhice, e uma análise destas questões em relação ao processo de envelhecimento. O grupo aprendeu a importância da integração mente-corpo, repensando sua atuação corporal no mundo, e sua sexualidade. Perceberam que, desta forma, poderão ter essas questões mais claras na velhice. Há ligações também entre o ponto acima abordado, o incômodo face ao "velho jovem" e o predomínio de sentimentos de insatisfação, imaturidade emocional, inadequação e satisfação na fantasia (detectados nos desejos).

Esta pequena caracterização do contexto afetivo do grupo parece fundamentar as colocações relativas a sentimentos de uma juventude pouco "vivenciada", existindo o temor de um tempo de velhice em que se olhe para trás com pesar pelo que "não se fez".

Pode-se afirmar que seja importante fazer aqui algumas considerações a respeito da constituição deste grupo.

No semestre anterior, o grupo de jovens era constituído efetivamente por 8 pessoas, das quais 3 mantiveram-se participantes neste semestre, havendo portanto 5 desistências. Assinala-se que apenas um dos desistentes cumpriu o contrato (em parte), comunicando sua saída à coordenadora, sendo que na realidade o combinado era a comunicação ao grupo. Estas pessoas que se desligaram do trabalho sentiam-se inclusive constrangidas ao encontrar a coordenadora e demais participantes do grupo, não conseguindo assumir sua postura (desejo) de separação.

Ao que parece, os desistentes vivenciaram um conflito: a dificuldade de darem continuidade ao processo de reflexão iniciado, e o desejo do desenvolvimento com o mesmo.

É possível que tenha ocorrido falha a nível de coordenação, a fim de refrear um pouco o processo depressivo vivenciado pelo grupo, para que o trabalho não fosse encarado tão difícil, desgastante.

Logo no início do semestre, houve o ingresso de 3 pessoas no grupo, por convite de antigos participantes. Foi encarado como muito positivo o fato dessas novas pessoas serem estudantes de outra área que não a Psicologia (Serviço Social). Realmente a maior heterogeneidade do grupo favoreceu o andamento da tarefa, colaborando para um clima grupal mais ameno, reflexivo, mas não tão introspectivo/depressivo.

O vínculo do grupo estabeleceu-se de forma positiva e afetiva, as pessoas mostraram-se envolvidas não apenas com seu contato grupal, mas também com a questão ampla da velhice e com a proposta geral da pesquisa da qual fazem parte.

É interessante notar o quanto maior grau de maturidade e envolvimento da equipe de pesquisadores parece refletir positivamente no funcionamento dos grupos.

Grupo IV

É pertinente para este momento fazer algumas colocações referentes à dinâmica deste grupo.

De modo geral, o grupo começou a demonstrar, a partir da metade do segundo semestre de 1990, certa desmotivação e desinteresse pelo mesmo. Faltas individuais ou coletivas passaram a ser frequentes, as quais não eram justificadas com antecedência, na maioria das vezes. Diante de tais observações, a coordenadora do grupo questionou junto aos seus elementos os motivos que os estavam levando a faltarem tanto e mostrarem-se desmotivados, e os motivos priorizados por estes referiram-se ao baixo número de participantes, bem como a alguns eventos externos pessoais.

Após estes esclarecimentos feitos, os membros do grupo entraram em consenso de que este deveria ser encerrado e criado um novo grupo mais fortalecido em termos de participantes, no ano seguinte.

Frente à dinâmica e movimentos estabelecidos por este grupo no que tange à frequência de seus participantes, evidenciou-se a ocorrência de um desestímulo e desmotivação crescentes, que contribuíram para uma "desistência coletiva" de seus membros.

Apesar desse desestímulo e desmotivação terem sido associados pelos membros ao baixo número de elementos no grupo, acredita-se que, na verdade, o que ocorreu foi uma grande dificuldade para a expressão de sentimentos e discussão de assuntos relativos à velhice e ao processo de envelhecimento, uma vez que grupos de outras faixas etárias e com o mesmo número de participantes não enfrentaram problemática semelhante.

Estas dificuldades parecem estar relacionadas a alguns valores e preconceitos arraigados a estas pessoas, como por exemplo, quanto à questão sexual do velho, da queda de produtividade e da decadência biológica e física, dentre outros.

Buscou-se, portanto, no segundo semestre de 1990, manejar o grupo de forma a propiciar a quebra destes preconceitos e de defesas que estivessem dificultando diretamente os membros a visualizarem a velhice como fase do desenvolvimento humano, que, como qualquer outra, envolve muitas perdas (simbólicas ou reais), mas também vários ganhos. Contudo, o meio escolhido (trabalho corporal) para que estas defesas e estereótipos fossem trabalhados, apesar de adequado, promoveu uma desintelectualização do grupo, propiciando maior envolvimento com o tema em questão (velhice). É possível que não tenha sido introduzido no momento certo, pois diante da proposta de se trabalhar o próprio corpo, os sujeitos defrontaram-se com um grupo que passa por transformações constantes e que sofre frequentes mutações, no que se refere ao processo de desenvolvimento e consequente envelhecimento humano. Acredita-se, portanto, que estas pessoas sofreram um "choque" ao terem

sido convidadas a observarem seus corpos e ao perceberem que não estão mais tão jovens. Esta percepção parece ter emergido grande desconforto frente ao próprio corpo e medo de pensarem no corpo do velho, por estarem "a um passo dele". Além disso, esse corpo velho culmina em fortes sentimentos de inferioridade, menos-valia e degeneração, desembocando no que mais assusta as pessoas: na morte. Este é mais um fato que parece ter contribuído para que tal grupo recuasse, pois caso contrário provavelmente mergulharia em intensa depressão. Hipotetiza-se ainda que os participantes deste esperavam uma maior exposição pessoal da coordenadora quanto aos temas discutidos, e que em função da não ocorrência explícita de seu posicionamento e do modo como encara a velhice, sentiram-se frustrados já que a relação estabelecida pendia para uma exposição unilateral. Tal frustração pôde também ter contribuído para o término do grupo. Esta hipótese está respaldada em pedidos verbais feitos à coordenadora como: "Agora é a vez de dizer o que acha, nós já falamos muito..." "E você, concorda com isso ou não? Fala pra gente o que você pensa...". Por outro lado, esta hipótese pode ser reforçada ao se observar a frequência de faltas no grupo, o que já foi apontado no princípio da discussão.

Porém, as solicitações verbais referidas não foram atendidas porque procurou-se evitar que a relação grupal se transformasse numa relação de cunho psicoterapêutico, uma vez que este não é o objetivo ao qual este trabalho se propõe.

Concluindo, pôde-se supor que as pessoas entre 31 e 49 anos apresentaram muito maior dificuldades para refletir sobre a velhice e assuntos correlatos do que as demais faixas etárias. No entanto, torna-se fácil entender esta dificuldade se se analisar que estas pessoas se encontram mais próximas desta etapa do desenvolvimento do que as crianças, os adolescentes ou mesmo do que os adultos-jovens.

Pensar na velhice, para uma pessoa que se encontra na adultez, em termos de desenvolvimento, significa pensar no amanhã, porém não no amanhã futurista da criança, mas num amanhã imediatista, que a cada momento se avizinha um pouco mais. Além disso, trabalhar com esse adulto, significa trabalhar com temores que não são mais simplesmente fantasias, visto que suas reais limitações já começam a aumentar.

É importante lembrar, também, que os preconceitos e estereótipos deste adulto são muito mais arraigados por já terem os valores de nossa sociedade e mais que isso, por serem os transmissores desses mesmos valores.

Contudo, uma prática psicoprofilática pode garantir a quebra desses estereótipos e uma adultez não tão ansiosa devido à clarificação dos reais problemas enfrentados pelo idoso, propiciando assim, um envelhecimento mais tranquilo, e, conseqüentemente aumento de saúde mental deste e daqueles com quem ele convive.

A proposta do presente trabalho torna-se mais fundamentada, pois à medida que esta preparação é principiada na infância, oportuniza-se que a adutez seja vivida sem grandes ansiedades e que seu crescimento e amadurecimento se dêem de forma mais saudável.

Grupo V

Ao analisar os resultados obtidos no instrumento "Sheppard", foi possível observar o predomínio de respostas que se referiram a aspectos da velhice e do envelhecimento, sendo que os itens que não apresentaram tal característica, indicaram respostas de tendência central.

Em relação a análise do instrumento "Diferencial Semântica", percebeu-se maior tendência a respostas centrais, seguida de alto índice de escolhas referentes à velhice, aparecendo apenas duas características que foram consideradas como negativas (Pessoas velhas são: Desinteressadas e Inseguras).

O instrumento "Sheppard" propiciou respostas projetivas, ou seja, aquelas que se ligaram ao próprio envelhecimento. Assim, hipotetizou-se que a tendência aos aspectos positivos neste inventário, ligou-se tanto ao desejo de uma "velhice perfeita" (idealização, negando os aspectos negativos), quanto à real vivência de uma boa velhice.

A questão da idealização pareceu de relevância em função da inexistência de negativismo (respostas não positivas caracterizaram-se pela imparcialidade), assim pôde também ter havido uma exacerbação das vivências positivas em detrimento das negativas.

O resultado obtido na escala "Diferencial Semântica", ligou-se completamente ao outro instrumento, sendo suporte para a análise acima. Pôde-se ainda levantar a hipótese de que a imparcialidade das opiniões (respostas centrais) assim como a tendência a uma caracterização positiva, pode ser função de uma preocupação em não denunciar posturas negativas e preconceituosas em relação a uma fase de vida pela qual estão passando, somando-se a fantasia de não aceitação de tal posicionamento pelo grupo e pela coordenadora.

É interessante assinalar que as duas características negativas relativas à velhice que apareceram (Insegurança e Desinteresse), vão de encontro à síntese interpretativa proveniente dos desenhos da figura humana do grupo, a qual indicou o predomínio de sentimentos de insegurança, inibição e inadequação com ênfase no mundo da fantasia.

A partir da interpretação dos desenhos, visualiza-se também um grande conflito entre o desejo (e necessidade) de participação social e a fuga a um mundo de fantasia e regressão ao passado, em função da incapacidade de adaptação e manipulação desse ambiente.

Estes resultados provenientes da análise dos desenhos, ligaram-se às discussões grupais a respeito da discriminação do idoso, dificultando a conquista de seu espaço social (convivência, produtividade,

independência, respeito). Ainda neste contexto, as discussões trouxeram também a dificuldade em lidar com as mudanças culturais/morais que se processaram ao longo do tempo, fator que favorece a satisfação através do apego ao passado (fantasia). É interessante assinalar que foi após o estabelecimento de um vínculo mais forte no grupo, que as participantes passaram a abordar temas ligados a suas dificuldades na velhice. No início dos encontros, as questões que as incomodavam eram negadas, provavelmente não sentiam o grupo continente para a divisão de suas angústias. É importante também dizer que de, forma geral, as participantes perceberam aspectos positivos em suas vidas, não enxergando a velhice como degeneração total.

Por outro lado, é fundamental considerar qual o significado e objetivo do trabalho deste grupo para as suas participantes. Elas expressam claramente que o encontro é um espaço que se tem para falar, serem ouvidas e trocarem experiências. Desenvolveu-se no grupo um clima afetivo positivo, existindo respeito, continência e auxílio em função do vínculo positivo que se firmou. Essa caracterização do grupo é extremamente positiva e significa um salto qualitativo grande, pois, inicialmente, elas não se ouviam, não havia respeito nem cooperação no grupo. O processo para atingir a produtividade atual do grupo foi lento, especialmente em função da contaminação existente no grupo por regras e funcionamento da instituição na qual os encontros ocorrem (SESC). As participantes do grupo, são também envolvidas com atividades no SESC, que possui um funcionamento bastante confuso, inexistindo continência e pertença grupal. Nesse sentido, esse grupo tem uma função suportiva bastante clara, sendo a figura da coordenadora encarada como alguém capaz de ouvir, alguém presente que consegue compartilhar com o grupo tudo aquilo que dali emerge.

É pertinente fazer ainda algumas considerações em relação à situação contratransferencial da coordenadora.

Neste grupo, depara-se cara-a-cara com a velhice, saindo da situação hipotética/projetiva presente nos demais grupos. Este fato mobilizou na coordenadora muitas questões pessoais e internas, o grupo é o espelho do seu futuro, remetendo-a à sua velhice e a seus velhos internalizados.

Somando-se a isso, o pedido de continência e suporte do grupo, exigiu que a coordenadora tivesse uma postura de sustentáculo, sendo a depositária do grupo, em suma, apesar de não ser seu objetivo acabou resvalando para o lado terapêutico.

Considerações Finais

Inicialmente fez-se uma análise, envolvendo os dois grupos da faixa etária de 8 a 11 anos que se encontram em funcionamento.

Estes dois grupos caracterizam-se por níveis sócio-econômicos diferenciados, o grupo Ia pertence a uma classe social mais privilegiada, onde o contato extra-familiar é mais difícil, predominando os vínculos da família nuclear. Enquanto que no grupo Ib aparece um maior nível de contatos além familiares, fato este relacionado às características de um padrão sócio-econômico médio-baixo. Esta caracterização apontada acima favorece o grupo Ib a ter maior conhecimento da realidade, maior proximidade à questão da velhice de maneira mais ampla. Por outro lado, o grupo Ia apresentou inicialmente uma percepção da velhice pautada em experiências familiares, ampliando essa visão no caminhar do trabalho. Também foi possível perceber que os participantes do grupo Ib dão mais vazão a sentimentos de agressividade e têm uma ação mais centrada em suas experiências reais, enquanto que o outro grupo (Ia) vivencia o mundo de forma mais indireta, existindo alto grau de proteção daqueles que o cercam e maior nível de repressão a seus impulsos e atitudes.

Traça-se agora um paralelo entre as dinâmicas dos grupos II e III. Instaurou-se uma junção entre os dois grupos em alguns dos encontros, com objetivo de intercambiar as experiências, além de maior proximidade entre os elementos envolvidos com o trabalho. Esses encontros foram muito ricos ao nível de desenvolvimento do processo grupal. Inicialmente, o contato entre os dois grupos marcou-se por um clima tenso e de pouca afetividade, aparecendo sentimentos de perdas relativas à infância, ao corpo infantil, à adolescência, além de certa disputa pelo poder e sentimentos de inveja. A partir do momento em que essas pessoas conseguiram se colocar frente a essa situação, entrando a nível de reflexão e discussão do processo vivenciado, houve um aclaramento das relações, levando a uma maior centralização na tarefa e proximidade entre os participantes, estabelecendo um clima afetivo e positivo. Apesar da proximidade estabelecida, os dois grupos mantiveram suas particularidades e diferenciações, intrínsecas a cada faixa etária. É perceptível que o nível de reflexão e elaboração atingido pelo grupo III, foi além daquele desenvolvido pelo grupo II, o que vai de acordo com o processo vivencial e de desenvolvimento de cada uma das etapas de vida em questão.

Inter-relacionando os grupos II, III e IV, constatou-se uma preocupação e dificuldades comuns concernentes à imagem corporal, indo desde o contato com este corpo e a forma como o internaliza e representa. Estas dificuldades estão diretamente relacionadas com o significado do envelhecimento pelas modificações corpóreas, que vão acontecendo acentuadamente ao longo dos anos.

Ficou perceptível desse modo, um maior nível de encorajamento nas pessoas de acordo com a faixa etária em que se encontram. No grupo II a preocupação corporal está relacionanda com a perda do corpo infantil e com as atribuições respectivas a um corpo adulto que ora começa a se assumir. Já no grupo III existe um grande distanciamento entre mente e corpo, em decorrência de haver uma centralização das energias no

aspecto da produtividade intelectual (o mundo profissional). Quanto ao grupo IV, constatou estar essa preocupação vinculada à perda do corpo jovem, além da percepção de que um "corpo velho começa a emergir, fato este que levou a uma desestruturação grupal, acentuada por outros aspectos de cunho individual, e face ao não manejo dessas situações, o grupo culminou no seu término.

É importante demarcar que o grupo V teve um funcionamento particularizado, onde se estabeleceu um vínculo afetivo e suportivo atendendo ao pedido das participantes do mesmo. Essa modalidade de relação foi necessária à medida que se percebeu que para essas pessoas a vivência dessa velhice é real, e portanto o vínculo estabelecido foi o caminho facilitador para a reflexão e elaboração dessas questões.

O último ponto de grande relevância a ser ressaltado, diz respeito ao grau de maturidade e funcionamento do próprio grupo de pesquisa. O crescimento vivenciado por este refletiu diretamente no andamento do trabalho, e de como a coesão grupal acabou por refletir em um compromisso e envolvimento maior com o mesmo e de seus aspectos mais amplos.

Nesse sentido, resgatando o apontado na Metodologia, o encontro realizado entre os participantes de todos os grupos e pesquisadores traduziu o engajamento profícuo entre todas as pessoas envolvidas no trabalho no que tange aos objetivos propostos pelo mesmo.

Observou-se neste momento grupal, intercâmbio entre seus elementos, tanto a nível de experiências como de afetos, dado que a inter-relação entre as pessoas aconteceu de forma descontraída e amigável, parecendo um reencontro de pessoas efetivamente conhecidas.

Summary

Medeiros, E.A.C.; Facci, Z.C.; Menezes, R.C. e Meyer, L.A. Psychoprophylaxy in ageing process: integrated action. *Estudos de Psicologia*, 9 (1): 66-88, 1992.

This article has the objective of presenting a work that has being developed with psychoprophylactic's aims about ageing process. Working with six groups, it's even possible delineate an out line about how the old age is seen and understood by people from 8 to 75 years old, despite of beggining a process of reflection and changes in relation to the conceptions and atitudes about the ageing process.

Key words: ageing process, concept, atitudes.

Referências Bibliográficas

- Bastos, O. (1981). Psicopatologia do Envelhecimento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 30(2): 135-140.
- Berquó, E.S. e Leite, V.M. (1988). Algumas considerações sobre a demografia da população idosa no Brasil. **Ciência e Cultura**, 40 (7): 679-688.
- Fernandes, F.S. (1978). **Relato de uma experiência comunitária com pessoas idosas**. Anais do 1º Congresso Regional Latino-Americano de Psicologia, Campinas, 112-117.
- Gaiarsa, J.A. (1986). **Como enfrentar a velhice**. São Paulo, Cone-Editora da UNICAMP.
- Lira, M.C.A. (1978). Efeitos biológicos e sociais do envelhecimento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 30(1-2): 174-183.
- Medeiros, E.A.C. (1983). **Mulher na terceira idade: uma tentativa de levantamento de determinantes da solidão**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da PUC-Campinas, Campinas.
- Medeiros, E.A.C. (1988). **A vivência e a representação da Imagem Corporal com mulheres em idade avançada**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. São Paulo.
- Medeiros, S.A. (1983). A negação da morte na velhice: um estudo fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 35(3): 131-136.
- Neri, A.L. (1988). **Envelhecer num país de jovens: Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas.
- Rozestraten, R.J.A. (1988). O idoso, suas capacidades psíquicas e o trabalho. **Ciência e Cultura**, 40(7):673-679.
- Salgado, M.A. (1982). O significado da velhice no Brasil: uma imagem da realidade latinoamericana. **Cadernos da Terceira Idade**, 10:7-13.
- Silveira, M.I.P. e Bento, V.E.S. (1982). A síndrome normal da velhice: uma abordagem biopsicossocial e uma proposta psicoterápica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 34(4):133-141.
- Vasconcelos de Queiróz, Z.P. (1982). Os Idosos: uma nova categoria etária no Brasil. **Cadernos da Terceira Idade**, 10:17-31.
- Vilas Boas de Oliveira, W. (1987). Retardar o envelhecimento. Será possível? **Jornal Folha de Londrina**, p. 17.